



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
 AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL. PODE ABRI-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL.



O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

14 de Abril de 2007 • Ano LXIV • N.º 1646

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
 Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Páscoa

INTIMAMENTE inquietos, procurávamos «motivo» para O GAIATO, nesta manhã de Segunda-Feira Santa, sombria.

De repente, olhando a nossa avenida até ao fundo, descobrimos que a subia, de joelhos, certa mulher, devota e penitente.

Ficámos surpreendidos com um quadro assim. Pela reacção dos nossos rapazes que, de olhar circunspecto, acompanhavam o arrastar, doloroso, da criatura, pareceu-nos caso raro. Indagámos, e foi-nos dito que não.

A mulher, visivelmente carregada de interioridade e de silêncio, não pôde deixar de nos provocar a todos os que, de um ou outro recanto, a fomos acompanhando, calados, no seu andar dorido, mas sereno, até à Capela.

Enquanto isso, contemplámos a distância entre o nosso quotidiano, em nossas Casas, afazeres e projectos; distância infinita que nos separa do essencial e que tão facilmente é captado por gente anónima e de fé simples: trata-se da santidade de Deus.

A mulher entrou na Capela e deteve-se, algum tempo, diante da pedra tumular de Pai Américo em oração, voltando a sair, mergulhada em silêncio, sem dizer palavra...

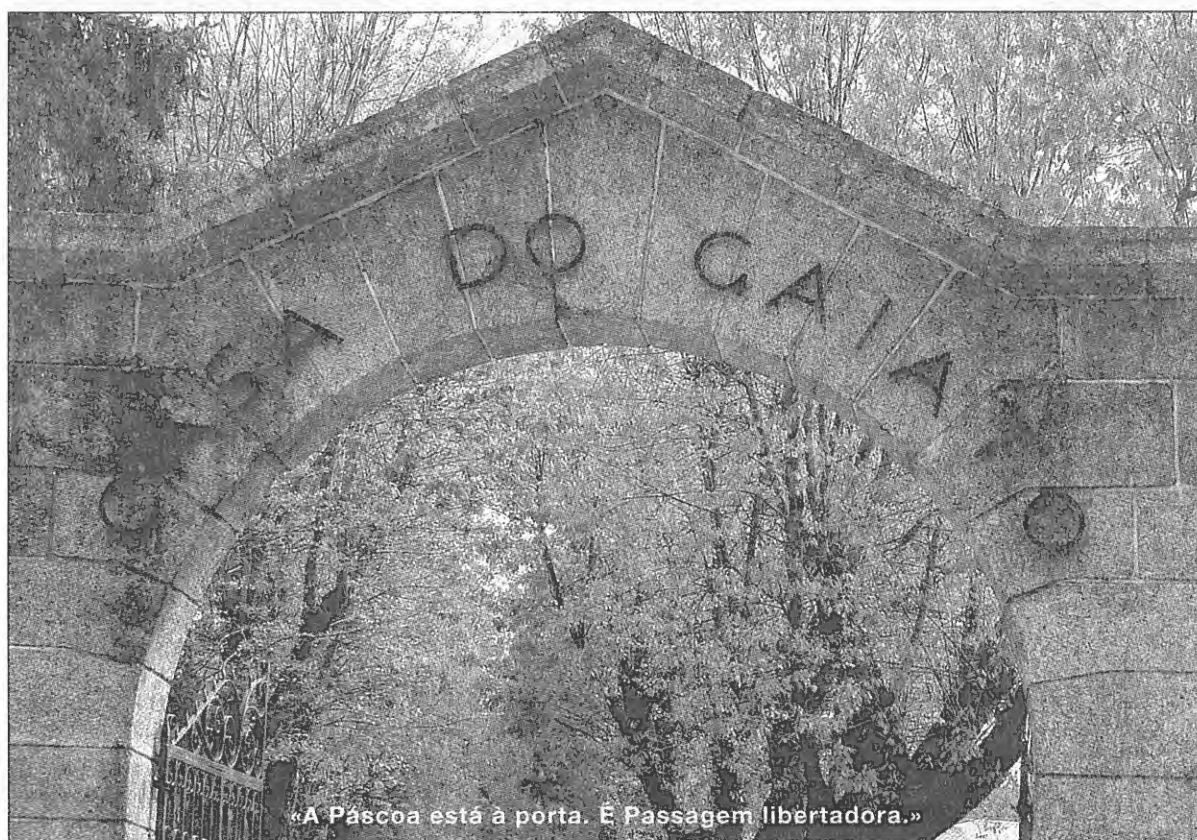
Era Segunda-Feira Santa.

Cá fora, os Rapazes, divididos em grupos, preparavam-se para limpar as ruas desta linda Aldeia, agora, tão verdinha e, por todo o lado, tão florida, sonhando com a proximidade da Páscoa.

No meio dos seus trabalhos e algazarras não sabemos se se deram conta da beleza e profundidade deste cenário tão verdadeiro quão estranho.

No largo do Cruzeiro ainda eram bem visíveis as marcas da passagem da Procissão de Ramos, ocorrida na véspera. Aqui e ali, pequenos «galhos» e folhas de oliveira faziam recordar o sempre comovente «benedictus»...

Continua na página 4



«A Páscoa está à porta. É Passagem libertadora.»

Benguela

Vistas de dentro

A Páscoa está à porta, na hora em que vos escrevo. É Passagem libertadora. Vejo ainda tantas pedras a retirar dos túmulos onde vivem crianças e famílias inteiras! A Páscoa é, e continua, todos os dias, com vigor renovado. Assim queremos.

Deu-se, há dias, um acontecimento muito rico em nossa vida familiar. Foi a eleição do novo chefe maior. Para que não faltasse a inteira liberdade na escolha daquele que seria o primeiro responsável da Comunidade, houve uma sondagem, com duas semanas de antecedência, lindamente participada. Agora, os três primeiros votados foram propostos para a eleição. Foi escolhido, em primeiro lugar, o Valeriano Kanema; seguido pelo Daniel Huambo e o António de Jesus. Assim ficou constituída a equipa sobre a qual recai a principal responsabilidade. Não lhe faltará a ajuda generosa dos outros membros que sempre os acompanharam.

Foi um momento muito festivo, indicador da participação responsável no acto eleitoral. A nossa vida interna assenta sobre estas pedras que são de dentro. Chamo aos chefes da Comunidade verdadeiras colunas deste edifício humano. Sem eles não seria possível levar o barco a bom porto. É, na verdade, o foliar da Páscoa, de alto valor, para a nossa Casa do Gaiato de Benguela.

Eles, os rapazes, como não podia deixar de ser, estão no centro das nossas alegrias e aflições, também. Corremos, dum lado para o outro, à busca de empregos, a fim de prepararmos o salto para a sua autonomia. É uma das formas mais nobres que as empresas têm de nos ajudar. Vim, confiante, da última corrida que fiz. Será também um foliar da Páscoa de muito valor.

Deixo-vos com este postal de vistas de dentro, com votos de muita paz e alegria na Festa da Páscoa.

Padre Manuel António

Moçambique

Pela Massaca não falta que fazer

A vida de Casa mergulha-nos numa constante ocupação, não só no que fazer no meio dos 150 e dois Rapazes, mais quase os cinquenta que estão fora e todos os dias chegam, até nós, com os seus problemas, mais ainda o providenciar tudo quanto se refere ao funcionamento das Creches, para que nada falte aos cerca de dois mil que se sentam duas vezes à mesa, mais organizar a formação e o trabalho dos que dependem directamente

desta Casa e vão mais de duas centenas.

Com a chegada do Quim Carpinteiro, que veio ajudar-me, já estamos a levantar as paredes das Salas da Biblioteca e do Laboratório, contíguas aos edifícios da Escola. No terreno das Oficinas chegou a vez da oficina de Mecânica. Estão os alicerces quase abertos para esta semana começar os caboucos. O Luís Mabunda, nosso técnico de pecuária, está ansioso por ver a casa de habita-

ção a subir, pois quer casar antes do fim do ano.

Pelas Aldeias é Changalane que leva a palma com vinte e cinco casas de alvenaria e mais umas dezenas que virão, seguir. Em Maanhane estão a ultimar-se três salas para a Creche e, logo que chegue dinheiro, vamos fazer balneários capazes, mais uma sala aberta para recreio.

Em Ndividuane estão mais casas a levantar-se para professores e vamos instalar um sistema solar

para abastecimento de água aos três edifícios: Posto de Saúde, Creche-Berçário e Escola. Aquele Amigo de Lisboa, que aqui chamavam de Casquinha, é um apaixonado e mobilizou a esposa e as filhas. Temos de levantar aquele Povo da sua miséria, criando condições para se desenvolver. Pena que esteja a mais de 50 km.

Pela Massaca, não falta que fazer, passados estes quinze anos, começa a ser necessário refazer sanitários, portas, mesas e cadeiras, alvenarias e até telhados de zinco.

O movimento, em nossa Casa, com transportes de carga para obras, para abastecimento das Cre-

ches e para compras na cidade é diário. As saídas para visitas aos lugares de todo este formigueiro ocupa muitas pessoas e muito tempo. E não vou dizer, agora, que quem mais trabalha aqui, tem de arranjar tempo para um Curso na Universidade Aberta de Lisboa, frequentado por bom número de professores nossos também, um Curso de Gestão e Administração Escolar e outro de Gestão de Projectos.

Embora tudo isto tenha uma razão de ser que não pode ser meramente humanitária, mas uma dedicação total Àquele que nos chamou, tudo isto tenha tido um

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CARIDADE CORAÇÃO DA IGREJA — É uma nota que lemos, algures. Para nós muito importante:

«(...) Também é bom algumas vezes ouvir um leigo sobre a Caridade. Uma senhora soube desenvolver o tema que se propôs explicar, um tema fácil e difícil ao mesmo tempo, enquanto nos leva a olhar para o homem que vemos diante de nós, na sua realidade concreta e para Deus que não vemos.

No entanto, como referiu, sem Deus a caridade não tem sentido e, por isso, ao longo da história vários foram os conceitos de caridade que, disse também, é um dom e um compromisso no espaço onde vivemos.

Partindo da situação histórica de Corinto, onde Paulo pregou, analisou o tema na Carta do Apóstolo aos cristãos daquela cidade, uma comunidade difícil, mas que se tornou um apelo à evangelização de cada um no lugar onde vive. Depois de Atenas, Paulo vai a Corinto e aí decide-se a pregar 'Jesus Cristo e Cristo crucificado'. Como remate da análise de Paulo disse-nos que 'a caridade nasce do amor de Deus pelos homens'; se Deus é nosso Pai, então devemos venerar a Sua imagem nos outros. Como 'ordem estabelecida por Cristo', leva-nos a respeitar a dignidade da pessoa humana. Falou da caridade sofredora, num tempo em que o sofrimento é rejeitado, tentando bani-lo da nossa vida e esquecendo a dimensão salvífica do sofrimento.

Numa segunda parte analisou a proposta de João Paulo II em Novo milénio inuente, onde ele nos fala da espiritualidade da comunhão, que nos levem a uma nova família humana, criando espaço para o irmão 'no compromisso de um amor activo concreto por cada ser humano'. Terminou com a ideia de Bento XVI, que na Cruz nos apresenta o grande modelo da caridade.»

PARTILHA — Lourdes, de Cacém, aí está com a oferta habitual. «Mais migalhinhas para os mais Pobres. Vou pedindo saúde para continuarem», 35 euros.

Assinante 70594, de Pinhão, 25 euros: «Desejo que estejam sempre no berço de Deus, pelo vosso trabalho para com os Pobres. Continuem a dar aos mais necessitados força e coragem em abundância, com todo o amor».

Assinante 22890, de Rio de Mouro, 50 euros, «pela vossa maravilhosa missão. Venho desejar-vos santa Páscoa. Desejo também muita paz».

O assinante 11639, de Ermesinde, com CD's.

De Fiães, assinante 31254, «oitenta euros. É uma pequenina ajuda para a vossa Conferência aliviar um pouco, este mês, a conta da farmácia».

Assinante 12594, de S. Tiago de Montalegre, 25 euros, «é uma insuficiente migalha para muitas necessidades».

Cem euros, de Vila Real, de Alexandre Ribeiro.

Assinante 20617, de Lisboa, «minha ideia para a vossa Conferência, 15 euros».

Mais 50 euros, de algures.

Agora, em nome dos nossos Pobres, de Paço de Sousa, agradecemos as ofertas de 200 e 100 euros, por intermédio do nosso Pároco, Sousa Alves. Rev.do Sr. Cónego Augusto de Sousa Marques, o dono das ofertas. Deus lhe pague. Uma santa Páscoa. Ainda 20 euros, da assinante 12319, de Penafiel.

Gratos aos nossos Pobres.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

ANIMAIS — Na nossa Aldeia existe grande variedade de animais: suínos, bovinos, aves, cães e gatos.

Os cães dão-se pelo nome de «zen» e «borguie» e guardam a nossa quinta.

Os outros animais têm, também, a sua função para a nossa vida, por exemplo: as vacas dão-nos o leite, os porcos a carne, as galinhas os ovos e também servem para comer, assim como os patos que fazem uma boa «arrozada».

O responsável deste sector é o Tiago que cuida e alimenta os animais.

FÉRIAS DA PÁScoa — O segundo período escolar terminou. As notas ainda não saíram, mas não serão famosas (para alguns...)

No refeitório, após o pequeno-almoço, no primeiro dia destas mini férias, foram distribuídas tarefas para arranjo e limpeza da nossa Aldeia.

O «Botija», com alguns rapazes mais pequenos, limpou e plantou roseiras no jardim em frente da tipografia.

O «Bubú», com uma máquina aparou as sebes e, com outra, cortou as ervas que nasceram entre os paralelos.

O Paulo («Mudo»), com o compressor, limpou as escadarias e paredes de granito das casas da nossa Aldeia.

Um grupo de rapazes andou a arrancar ervas; outro varreu e apANHOU o lixo das nossas ruas.

O «Bolinhas» supervisionou os rapazes e o trabalho realizado.

O Zé Reis, o Ricardo Sérgio e o António Pedro ficámos a ajudar na tipografia. Zé Reis, no escritório da administração. Os outros dois, na expedição do Jornal.

Zé Reis

A NOSSA PÁScoa — A Páscoa, do hebraico *Pessach*, significa Passagem. É um evento religioso cristão normalmente considerado como a maior e a mais importante Festa do Cristianismo. Na Páscoa os cristãos

celebram a Ressurreição de Jesus Cristo — vitória sobre a morte (que terá ocorrido no ano 30 ou 33 d.C.).

O termo pode referir-se, também, ao período do ano Canónico que dura dois meses, a partir desta data, até ao Pentecostes.

Cá, em Casa, a nossa Comunidade preparou-se, também, para esta Celebração, tão importante, do seguinte modo:

— Quarta-Feira, 4 de Abril, de manhã, Catequese pascal pelo Padre Marco, de Rio de Moinhos. À tarde, Confissões, com o Padre Pedro, da Sobreira.

— Quinta-Feira, 5 de Abril, Missa vespertina da Ceia do Senhor.

— Sexta-Feira, 6 de Abril, à tarde, Celebração da Paixão do Senhor. À noite, Via-sacra pelas ruas da nossa Aldeia, preparada pelos Rapazes.

— Sábado, dia 7 de Abril, Solenidade de Domingo de Páscoa da Ressurreição do Senhor: Vigília pascal.

As pessoas, da nossa Paróquia, foram convidadas a participar nas Cerimónias pascais que realizámos.

A todos os nossos Amigos e Assinantes d'O GAIATO desejamos uma santa Páscoa feliz e muita saúde.

Carlos («Vimioso»)

DESPORTO — A bola é necessária ao bem-estar físico, mental, psíquico e social de cada rapaz. Por isso, não desistimos, e desta vez, fomos até ao campo da Associação Juvenil da Quinta do Cabo, para se realizar mais um desafio de futebol, onde tudo correu às mil maravilhas. Uma primeira parte difícil, apesar de ao intervalo, estarmos a ganhar por 0-1. Golo marcado por Patrick que parece ter conquistado a titularidade. É mais um polivalente deste grupo de trabalho! Está muito mais calmo. Tínhamos dito há uns tempos atrás que tantas havia de ouvir e de levar..., que havia de ir ao sítio. Parece já ter encontrado o caminho certo. Mas voltando ao jogo, a Quinta do Cabo, já na segunda metade do desafio empatou de grande penalidade. Nesta altura, já estavam em campo «Bolinhas» e Gil que estiveram a aquecer o banco toda a primeira parte. Com a entrada destes dois, um para a *ala direita* e outro para o *centro do terreno*, o nosso capitão «Bonga» foi o *matador* de serviço. Com golos de «Bolinhas» (1), cá do meio da rua, «Bonga» (2) e Patrick (1), contra dois do adversário.

Uma semana depois, voltamos a jogar fora de casa. De malas aviadas, lá fomos até Lousada ter um encontro com a Associação Recreativa e Cultural de Pias, que de futebol... valha-me Deus! Mas de «pau»... é com eles. Já os tínhamos recebido em nossa casa, e tínhamos ganho por 7-2. Agora, em casa deles, foi necessário recorrerem a uma equipa de arbitragem *habilitada*... Um jogo para esquecer. Senão vejamos: não levamos o *guarda-redes titular*, nem o nosso *ala esquerdo*. Como se não fosse o suficiente, Agostinho, com 10 minutos de jogo, só porque o nosso capitão o chamou à atenção, resolveu abandonar o campo. Foi «apapicado» demais na ida à Alemanha e o resultado está à vista — o tempo e o balneário... cura! Mas não fica por aqui. O jogo foi de tal ordem duro, que o «Bonga» teve que ser substituído por lesão. Para terminar,

«Bolinhas», em atitude de desespero depois de tanta «pancada» levar, também resolveu abandonar as quatro linhas. Nem o primeiro nem o último estiveram bem. Conclusão: depois de tudo isto, perdemos por 3-2, com um belo golo de «Bolinhas» a passe de Gil e outro de Ilídio, que depois de muito esforço, não perdoou. Tínhamos ganho, se todos estivessem em campo! São os tais ouvidos com «cera»... que teimam em não ser lavados!

Mas uma semana depois, tudo foi diferente. E eu sei porquê?! É que jogar a bola com quem sabe, é mais fácil pôr o nosso futebol em prática. Foi o que aconteceu, ao recebermos a equipa de Juniores do Clube Futebol de Valadares (Gaia), que para além de serem gente educada e respeitadora, sabem estar dentro das quatro linhas com dignidade, tratando a bola e o «adversário» como pouca gente o sabe fazer. Ganhamos, é certo, mas mais importante do que a vitória, foi o convívio entre as duas equipas. Mesmo antes do jogo, os atletas do Valadares fizeram questão de dar uma volta pela nossa Aldeia. Realmente, ela é digna de ser visitada! É linda! Linda! Linda! Com eles, para além de outras pessoas, veio também o Presidente daquela colectividade. É bom sinal quando assim é. Com golos de «Bolinhas» (1), Rogério (1) e Russo (1) — daqueles à *Petit!*, tendo o nosso «adversário» ficado em branco.

No final do jogo, como o nosso capitão «Bonga» e o «Maurinho» faziam anos, os Rapazes cantaram-lhes os parabéns e ofereceram-lhes a vitória. Haverá ainda quem duvide da união deste grupo de trabalho?! É impossível! Só está no grupo quem quer e, por isso, é que todos são unha e carne.

Alberto («Resende»)

Miranda do Corvo

VISITAS — No dia 1 de Abril visitou-nos um grupo de amigos de Castelo Branco. Chegaram por volta das 10h00, a tempo de participarem na nossa Missa dominical, na qual participaram lendo algumas leituras. Depois da Missa, fizeram uma visita guiada a nossa Casa.

Como já tem sido hábito, estes nossos amigos trouxeram o almoço para partilhar connosco.

Depois do almoço conviveram com todos os rapazes, tomando o café no nosso bar, conversando, vendo televisão connosco, enfim, foi uma tarde de verdadeiro convívio e amizade.

No final da tarde, também nos proporcionaram uma magnífica merenda.

Além do almoço e da merenda, estes amigos ainda nos ofereceram várias coisas para a nossa comunidade, nomeadamente produtos alimentares, roupas, calçado, etc..., pelo que, queremos deixar aqui o nosso agradecimento pelas ofertas, mas sobretudo pelo carinho e amizade que nos manifestaram.

Após a merenda, tiveram de partir, pois já eram 18h00, eles ainda tinham que se deslocar para Castelo Branco.

AGRICULTURA — Neste momento andamos a plantar o cebolo, a alface, a couve, e a semear a cenoura, o feijão e as nabijas. Felizmente o tempo tem-nos ajudado, pelo que contamos ter uma boa colheita

FÉRIAS ESCOLARES DA PÁScoa — Nesta altura, os rapazes do Lar de Coimbra regressam a Miranda do Corvo. Assim, a Casa fica mais «cheia», de rapazes, de agitação e de alegria. Desta forma, vive-se mais intensamente o espírito de família, onde todos colaboram nas tarefas de Casa, tornando assim a vida mais «fácil», pois «onde todos trabalham nada custa».

As notas escolares, dos rapazes, já saíram. No geral, foram positivas, pois a grande maioria atingiu os objectivos propostos. No entanto, alguns terão de se esforçar um pouco mais, no último período lectivo, para que não corram o risco de «chumbar».

ANIMAIS — Esta semana matámos um porco, o que nos vai proporcionar algumas refeições nestas férias Pascais.

Gaiatos do Alternativo

Setúbal

AGRICULTURA — Acabámos de semear as nossas batatas. Com as férias da Páscoa, os nossos rapazes aproveitaram para schar as favas e as batatas. Alguns deles têm andado a arrancar as ervas dos nossos pomares e pessegueiros. Estas férias deram alguma ajuda para metermos as coisas da nossa Casa em ordem.

CASA — Nestas férias os nossos rapazes começaram a fazer os preparativos para a Páscoa, tais como: limpar a Casa e começar a fazer os nossos folares.

Alguns foram baptizados. No próximo número falaremos sobre isso. Foi uma festa no dia de Páscoa.

VACARIA — Os vaqueiros começaram a dar cevada às vacas. Este ano vão fazer alguns fardos com a mesma. A máquina de dar de comer ao gado já está arranjada e a funcionar, graças aos nossos serralheiros.

JARDINS — Continuam muito bonitos, mas já começam a criar algumas ervas e o «Monchique» lá anda a arrancá-las e, também, a regá-las. Ele está muito contente com o trabalho que tem tido com os mesmos, pois, agora, é que se vê o fruto do seu labor.

ESCOLA — No período que passou os resultados escolares, de alguns rapazes, não foram muito famosos. O mesmo aconteceu no primeiro período, estando estes em risco de reprovarem o ano. Agora, no terceiro período, têm de aproveitar para poderem levantar as notas para ver se passam. Estes rapazes ainda não perceberam que o futuro deles depende da Escola, pois a vida lá fora está muito difícil e, sem estudos, mais difícil se torna.

Gualberto

Tragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Março,
53.067 exemplares

Calvário

Linguagem

O António José está sentado, sereno, mas meio ausente. Ao aproximar-me estende as mãos e procura as minhas. Puxa-me e mostra querer um abraço. Sorri e encosta a cabeça ao meu peito.

Este rapaz, quase cego e com forte atraso intelectual, pois nem sequer fala, nunca conheceu os pais. A mãe, solteira, rejeitou-o cedo. Pessoas da localidade, onde ele vivia, pediram-me acolhimento para ele. E desde que está em nossa Casa — já lá vão três décadas — nunca ninguém o procurou.

É um ser carente, manifestamente. No viver quotidiano, tem dois prazeres: comer e tomar banho. Certamente, porque nestas ocasiões alguém está perto dele. E mostra interesse e carinho ao dar-lhe comida ou lavar-lhe o corpo. É com custo que sai da banheira. Não se exprime por palavras, mas tem a sua linguagem, também ela expressiva.

Hoje, grande parte dos homens deseja ou, até, é obrigado a falar mais de uma língua. E falam-se tantas!

Mas, para além destas, há quem se exprima apenas por gestos, por gemidos e até por gritos. As mães entendem perfeitamente os desejos dos filhos naqueles sinais.

Existe, no entanto, uma outra linguagem simples que não carece de vocabulário, de escrita, de professor. É até a primeira que se aprende ao colo da mãe. Ela surge num sorriso, numa carícia. É espontânea, natural, de enorme simplicidade. E quando alguém parte deste mundo é no choro ou no pranto que ela se manifesta.

É a linguagem do amor. Esta não precisa de palavras. Nela até as palavras são geralmente desajustadas.

O António José diz o que quer, o que deseja, sem que a boca se lhe abra. Fala com as mãos estendidas para nós — quer um abraço amigo.

O amor é silencioso, discreto, não se vê, mas está presente em todo o ser humano, não fora este criado à imagem de Deus, que é Amor.

As mãos do António José descem lentamente até ao bolso do meu casaco, procurando uma guloseima. E sorri ao saborear um bombom.

Padre Baptista

Casa do Gaiato de Benguela

Uma Carta

«**A**NTES de tudo desejo uma boa disposição para Você. Senhor Padre Custódio, a sua ausência deixa-nos com saudades.

Você, para mim, é como um Pai. Arrependo-me pelas coisas erradas que fiz quando V. estava aqui, conosco. Também, aproveito para dizer que nós estamos bem e na Escola está tudo a correr muito bem, também. Aproveito para perguntar como está a sua vida por aí. Estamos à sua espera. Quando é que volta? Sentimos a sua falta.

Senhor Padre, quem escreve é aquele rapaz que sempre lhe aqueceu a cabeça. Agora, já me convenci que aquilo que fiz era errado. Mas isto é natural quando uma criança começa a entrar na adolescência.

Desejo-lhe uma boa Páscoa e felicidades para a sua vida.»

Esta carta é muito bonita e muito rica! Veio do coração do Simão. É um dos nossos, de Benguela. Chegou com cerca de 5 anos. Cresceu. Tem cerca de 14 anos, agora.

A carta que me escreveu revela o que lhe vai no coração — arrependimento. O Simão arrepende-se das suas malandricas, das suas faltas de respeito e, como diz, das «dores de cabeça» que me deu. Não é um rapaz

mau. Pai Américo tinha razão quando disse que «não há rapazes maus». Todos eles são bons. Têm uma capacidade muito grande de cárem em si e darem conta dos erros que cometeram na sua vida. Acredito que esses erros, para eles, se tornam uma «verdadeira lição». Os erros só o são se não aprendermos nada com eles; mas, se nós aprendermos algo com os erros que cometemos, então, eles são uma lição, ajudam-nos a amadurecer e a crescer como pessoas. O Simão cresceu, graças a Deus.

Esta carta deixou-me emocionado e mexeu comigo como pessoa. Mexeu na minha sensibilidade de cristão e de sacerdote da Obra da Rua. O Simão, na sua carta, chama-me «pai», faz-me tomar consciência da minha responsabilidade e do meu dever de ser «pai», educador e amigo com quem os Rapazes podem contar e de quem esperam o carinho e o afecto que só um pai pode dar.

O que mais me impressionou, na carta do Simão, é que, várias vezes, ele fala em nome de todos: «a sua ausência deixa-nos com saudades. (...) nós sentimos a sua falta», que bonito!...

Ele dá conta de que não está sozinho, está numa Comunidade, vive numa Família onde está com os seus irmãos. E, por isso, fala em nome de todos. Foi isso que Pai Américo sonhou, que as Casas do Gaiato fossem verdadeiras famílias onde os Rapazes se sentissem em casa, se considerassem como irmãos e caminhassem juntos.

O Simão assumiu bem a lição de Pai Américo. É este aspecto de Comunidade, de união, de fraternidade e de convivência que caracteriza as nossas Casas. Em todas elas os Rapazes vivem juntos, como irmãos. Estudam juntos, trabalham juntos e crescem juntos como Homens. O aspecto comunitário e familiar é uma «força» muito grande para eles, ajuda-os a crescer equilibrados e faz com que, ao saírem de nossa Casa, se adaptem mais facilmente à vida.

Acredito que, como o Simão, há mais Rapazes que gostariam de exprimir o que este teve a coragem de dizer. Já o terem isso guardado no coração, é bom sinal. Sinto-me feliz por saber que a «semente» lançada, às vezes, com dor e sacrifício, brota, germina e cresce no coração dos nossos Rapazes.

Esta carta foi uma cura, para mim. Trouxe-me paz interior, fez-me reflectir sobre o perdão e a Reconciliação. Fez-me reconhecer que é necessário ter paciência com os nossos Rapazes, é preciso saber esperar e compreender, pois o crescimento é um processo lento e exige trabalho e sacrifício de todos.

O José Luís foi quem me trouxe a carta do Simão. Falou-me da Casa de Benguela, do novo chefe maior, dos novos chefes das casas e um pouco de tudo o mais. Deixou-me com saudades. Benguela é a minha Casa. Estou, agora, a fazer uma experiência, que vai levar algum tempo, nas nossas Casas de Portugal, mas na esperança de voltar a Benguela, se isso for a vontade do Pai do Céu.

Obrigado, Simão! E muito obrigado a toda a Comunidade de Benguela por me terem ajudado a crescer e a amadurecer como padre da Obra, com tudo o que sois e fostes, com os desafios e dificuldades que vivi convosco, mas, também, com todo o calor humano que de vós recebi.

Padre José Maria

Padre Custódio

DOCTRINA



A forma como nós procedemos com o delinquente

AGORA, com mais tempo e mais espaço, quero responder àquele visitante que, como aqui já foi dito, me perguntou se eu estava satisfeito com a percentagem dos rapazes que se aproveitam. Esta pergunta é filha duma aflição inteligente. Aquele visitante sabe; vê o problema da Criança abandonada. Compreende que na rua todos se perdem e, por isso, me pergunta quantos se salvam aqui. Gostei que me tivesse perguntado, para ter, assim, ocasião de responder.

O nosso Lar do Porto é que vai dar a resposta. Ali estão os rapazes que foram da rua, fizeram seu noviciado nas nossas quintas e, de novo, regressaram à cidade. Eles são a prova real. Como têm eles respondido? Vejamos: Estamos no terceiro ano de vida. Começou o Lar com uma Comunidade de cinco. Nesta data são vinte e oito. Registam-se quatro casos de infelicidade. Quatro rapazes que tiveram de ser retirados dos seus empregos. Causa? Pequenos furto para comprar, nas lojas, coisas de lamber. De onde se vê que a delinquência destas idades é, em regra, uma função do ambiente social. E, tanto assim, que um dos delinquentes, o maior de todos, é hoje aqui, em Paço de Sousa, um empregado da direcção d'O GAIATO com provas de devoção ao seu trabalho. Como este, todos os mais foram retirados das suas ocupações, no Porto, e tomaram outras nas nossas Casas. Não se perderam. Estão recuperados.

UMA nota simpática que muito gosto de publicar, uma vez que estou a responder, é a forma como nós procedemos com o delinquente. A coisa descobre-se. O rapaz é chamado a contas. Dizemos-lhe uma palavra amarga e amiga. Comunica-se-lhe a transferência para uma das nossas Casas, por castigo, se e quando tal se delibera. Dá-se-lhe dinheiro para o comboio e ele parte sozinho. Dois foram assim para as Casas de Coimbra e de Miranda do Corvo. Rapazes na idade dos dezasseis. Poderiam ter tomado por outro caminho; fugido da mãe; procurado sítios e companheiros d'outrora. Um deles era, até, de Coimbra. Poderiam, sim. Mas não o fizeram. Este tal está no Lar daquela cidade. É um dos «rapazes do Padre Américo».

OS nossos delinquentes não são cortados da Obra. Mudam-se para outras actividades, dentro dela. Dum, sabemos que se encontra em Coimbra. É metalúrgico. Outro, está em Miranda do Corvo. É mecânico. Outro, é o cozinheiro do Lar do Porto. Um outro, esteve dois meses aqui, em Paço de Sousa, a dar serventia e, de novo, regressou a um emprego, no Porto. Vamos a ver.

MAS quero dizer mais. Quero dizer tudo, visto estar a responder. A compreensão dos senhores que empregam estes nossos rapazes é simplesmente maravilhosa. Eles, todos eles, são verdadeiros amigos e cooperadores sinceros nos trabalhos da sua redenção. São eles quem dão a notícia do faltoso e aceitam outro rapaz na sua vez! Quanto a isto é de agradecer! Como isto encoraja e anima a gente! Vale a pena trabalhar assim, quando nos tiram as pedras do caminho! Seja de muita gratidão a derradeira palavra de hoje.

D. Amín. 5!

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Moçambique

Continuação da página 1

começo que foi um sim a Deus para o caminho que abrisse à nossa frente, tudo isto tenha um custo que é um desgaste muito grande, tudo isto está ao serviço deste Povo que uma revista francesa, que chega até nós, chama do quarto mundo.

Quase não há tempo para receber visitas, senão anunciadas com antecedência, como aconteceu, há dias. Do Ministério dos Negócios Estrangeiros, marcam a visita da Senhora Viúva de Julius NYERERE. A horas depois de almoço. Apesar de ter quase oitenta anos, é uma Senhora de porte muito nobre, vestida com um toque tradicional, de muita sobriedade. Viu, perguntou, correu tudo quanto quis. Subiu à nossa Capela e, no regresso, passou pelo refeitório para um breve lanche. Na última troca de palavras a Senhora diz que «um lugar como este é um lugar sagrado, é um verdadeiro Santuário». Senti um choque de vergonha, porque o nosso carimbo não tem o que Pai Américo colocou no das outras Casas do Gaiato: «Santuário de Almas». Deixou-nos um donativo, mas a sua visão de Fé profunda, sem nunca nos ter conhecido, foi a expressão verdadeira da nossa riqueza.

Setúbal

Tempo de louvor e de dar graças

É o que vivemos. A natureza canta os mesmos louvores e agradece o dom da vida. Porque havemos de temer os tempos difíceis, mas simultaneamente de esperança, que nos são dados viver?

O Tiago, o mais pequeno dos nossos, entra na nossa Capela e gosta das flores, coisas visíveis que falam do Senhor invisível de Quem ele não dá conta. A imagem do Menino, deitada num cesto e repousando numa pele de cordeiro, recebe a homenagem da mão do pequeno Tiago — uma flor dentro as que louvam o Senhor escondido no Sacrário.

Tudo simplicidade: o Tiago, a flor, a imagem do Menino recostada na lã e no vime.

«Se neste dia tivesses conhecido, tu também, O que te pode trazer a paz! Mas isto ficou oculto aos teus olhos.»

A verdadeira paz é um dom de Deus, não é uma conquista do homem. Ele só constrói a paz na medida em que deixe que o Senhor reine.

A verdadeira beleza está escondida como Ele. O nosso Alf, marcado de imperfeições visíveis, continua a ser cumulado de carinho pelos outros rapazes a ponto de se temer que ele se *estrague*. Os rapazes descobrem e manifestam a beleza invisível ao olhar humano. É uma doce vitória sobre a vaidade da perfeição do mundo.

«Vimo-lo sem aspecto atraente, desprezado e evitado pelos homens, como Homem das Dores, experimentado de sofrimentos; diante do qual se tapa o rosto, menosprezado e desestimado.»

Três rapazes quiseram ser baptizados nesta Páscoa. Três pequenas parcelas da única terra capaz de reproduzir vida.

Mas, tal como grandes áreas de terreno são hoje abandonadas às ervas daninhas e aos silvados, assim também em muitas parcelas da humanidade se reproduzem quantidades de joio que tornam o mundo mais débil e improdutivo.

A Passagem para os prados verdejantes é uma promessa que a humanidade verá cumprida. Enquanto não, pelo trabalho dos simples, vai o Autor da Páscoa preparando terreno para que possamos lá chegar.

Padre Júlio



... A sociedade já nos entrega alguns esfarrapados de todo.

Malanje

O meu apelo

PRONTO responderam ao meu apelo alguns Amigos logo que n'O GAIATO lhes disse que já podiam continuar a visitar-nos com as suas cartinhas e ajudas, pois os correios de Angola estavam operacionais.

Logo veio o meu amigo Viegas! Claro que recordo o talho Diamante, a fazenda da Catepa e, sobretudo, a sua amizade e carinho por nós! Também o senhor Adelino Barata, de Coimbra e D. Aldefice Mendonça, de Évora, obrigado. Fui logo à loja comprar, com as vossas ajudas, algumas pastas dentífricas e escovas de dentes, que os meninos me andavam a pedir todos os dias.

Quero lembrar aqui a ajuda da senhora D. Carmen Goinhas para ajudar no pagamento das propinas dos que estudam na Universidade e para as mesmas a ajuda da doutora D. Maria do Rosário Ferro. E a oferta constante, nos Natais, da família Calejo Pires; os 100 dólares americanos, do Amigo Azevedo, lá do Canadá, e outros que aqui não lembro, através das nossas Casas. Também presentes, todos os anos, as primas Bernardete e

Joaquina Lopes; e amigas Fábica e Raquel; doutor Amândio, família Sá, D. Nita Barraco e professor Matoso. Quando vou a Portugal? Os meus amigos e familiares: «Tome para os seus rapazes». Todos bem presentes nas minhas noções.

A nossa vida

OS nossos chefes expulsaram um por mau comportamento, mau exemplo e falta de respeito. Concordei. Passou somente um dia e o dito vestido de cordeiro: que não tinha onde ficar; que não tinha comida; que lhe perdoássemos...

Não sei qual vai ser a atitude dos chefes. Eles vão decidir. Eles são um grupo novo, mas bem consciente das suas responsabilidades. Muito bem.

Mais: um dos mais velhos faltou ao respeito com palavras e não cumpriu o mandado pelo chefe, mais novo. Decisão: Dois meses — sábados e domingos — a tratar dos porcos.

É a nossa vida: Deles, por Eles e para Eles.

Os que duvidam congreguem os nossos rapazes, pais e avós e façam contas, se ainda sabem.

Problemas? Temos muitos. Cada rapaz é um mundo... E a sociedade já nos entrega alguns esfarrapados de todo. Tenho dito. Muitas vezes assim terminava Pai Américo.

Padre Telmo

A Obra da Rua

NO estudo da Física há um capítulo que trata das relações entre os movimentos e as causas que os produzem. Chama-se *Dinâmica*. E desta família de palavras surge com muita frequência na vida social, como qualificativo dos seus agentes ou das acções que emergem, o nome *dinamismo*. Pois no mundo da Física, o efeito dinâmico é função da massa móvel e da velocidade que lhe é imprimida (aliás do quadrado da velocidade) e chama-se, a este produto cuja medida é expressa em unidades de trabalho, *força viva*. A *energia cinética*, que desta *força* resulta, tem exactamente as mesmas dimensões, mas

conta-se apenas pela metade. Quer dizer que a *força viva* funciona como potencial da energia útil que é capaz de produzir. Da primeira utilização da energia (para ser mais rigoroso) que ainda assim é só metade da *força viva* que a gera. E até à utilização final quantos *atritos* a diminuem!

O mundo do Espírito não é estranho a estas realidades que a Ciência Física nos apresenta e nos sugerem reflexão.

Na verdade, toda a acção espiritual depende da «força viva» do agente. Esta força é algo de entitativo, necessário fundamento da fecundidade que se deseja e espera. Principia num Dom, qual

semente que germina; e mercê da aceitação activa, colaborante num projecto que Deus vai desenvolvendo e revelando, conduz a pessoa a um estado de maturação que a capacita para agir. A pessoa representa na realidade espiritual, no exercício da sua liberdade, a «massa» que uma causa, Deus, põe em movimento com a «veloci-

dade» que Ele quer. O bem resultante desse movimento cresce exponencialmente com a velocidade impressa. E só Deus, que perfeitamente conhece a pessoa e o projecto a que a destina, sabe a grandeza que deve atingir essa velocidade.

No caminho de Pai Américo verificam-se estes conceitos. À partida, o Dom que se manifesta na infância e seu pai contraria, não por impiedade, mas por uma sabedoria também ela, com certeza, dom que, a seu tempo, se revelaria ao serviço do projecto de Deus. E o nosso Deus não é de pressas. Prepara longamente os que escolhe para uma missão destacada — a «massa» que oportunamente há-de pôr em movimento. «Esta», um elemento prévio e fundamental da fórmula da «energia» — que não há movimento sem móvel.

Trinta e seis anos demorou Deus a dar a «martelada» última que mudaria substancialmente o rumo do Américo. E se a passagem dele pelo Seminário é já considerada «uma bênção», os vinte e sete anos que viveu após a ordenação sacer-

dotal são suficientes para que a sua memória seja abençoada por todo um Povo. Nem começou tarde a Obra que Deus queria dele, nem a deixou cedo. Tudo aconteceu no tempo medido por Deus — que é a contagem mais real e objectiva.

Preparado o homem, vai ser pela sua condução à velocidade comunicada que a Obra nasce e cresce. Agora é ele mesmo quem expressamente o confirma: «Dizem pr' ai que o Padre Américo faz grandes coisas... O Padre Américo não faz nada... É um impellido; e impellido, vai». (...) «É preciso pôr Deus no seu lugar», diria também. É o que faz ao atribuir-Lhe a fecundidade da Obra; ao remeter para Ele a explicação dela, do seu «mistério», que os conceitos e hábitos do mundo são incapazes de esclarecer.

É neste «mistério» que reside a sedução da Obra, mais pelo que ela é do que pelo que ela faz. E tal como «naquele tempo» e o Evangelho nos revela, são «os pequeninos, os humildes, os ignorantes, os que melhor entendem», para confusão dos sábios presumidos.

Padre Carlos

Páscoa

Continuação da página 1

À passagem desta criatura, neste local do Cruzeiro, que tanto nos faz recordar a vida de Jesus, toda feita de busca e de entrega à vontade do Pai, por amor dos Homens, e de Pai Américo que de modo tão real e impressionante se deixou impelir pelo Mandamento de Cristo, pedimos ao Senhor dos Passos que, nos passos desta mulher, nos seus joelhos feridos pelas pedras deste «sanctuário», nos levasse também a nós; as nossas ilusões, desencontros, os nossos pecados. Para que a

nossa Páscoa fosse, assim, mais florida; quer dizer: mais paciente, corajosa, perfumada pelo Eterno Amor de Cristo, Bom Pastor Atento e Cuidadoso Jardineiro dos Seus «vasos» mais robustos, mas de uma ternura especial pelos mais frágeis ou «escaqueirados» no interminável caminho do Calvário.

Padre João

PENSAMENTO

São as contas da pobreza, fonte perene de abundância. Aqui há somente três operações: somar, multiplicar e dividir. As contas de diminuir são tuas.

PAI AMÉRICO